

# ESCOLARIZAÇÃO/(DES)QUALIFICAÇÃO DOS TRABALHADORES DIANTE DA AGROINDÚSTRIA, NO MUNICÍPIO DE XAXIM – SC

VALDIR SKRZYPCZAK<sup>1</sup>

Rede Pública Municipal de Ensino de Xaxim – SC

MARLI TEREZINHA SZUMILO SCHLOSSER<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Resumo:** O objetivo do texto é discutir o modelo de escolarização que vem sendo implementado na região Oeste de Santa Catarina e como o mesmo tem levado/conduzido a um processo de (des)qualificação dos trabalhadores do campo e da cidade, com a chegada dos complexos agroindustriais na região, a partir da educação formal de jovens e adultos, voltada para a formação simples e parcial dos trabalhadores. A região tem como base a dependência de grandes grupos econômicos agroindustriais, como a Brasil Foods (BRF), a Aurora e a Diplomata Industrial e Comercial Ltda., que dominam o setor de carnes de aves/suínos e seus derivados. Na relação dialética entre o campo, a cidade e a agroindústria, os trabalhadores vêm constantemente se qualificando/desqualificando para atender aos interesses da produção e reprodução do capital impostos pelos complexos agroindustriais. Ao se qualificar/desqualificar, o trabalhador vive um processo contraditório e de confronto nas relações sociais de produção capitalistas. O capital, ao mesmo tempo em que exige maior escolarização do proletário, contraditoriamente simplifica as atividades no interior da indústria, desenvolvendo a “pedagogia capitalista” das habilidades e competências, pois expropria o saber nas relações de trabalho e internaliza as formas de produção estranhadas/alienadas. Assim, o trabalhador amplia a escolarização formal, porém permanece nas condições assalariadas da agroindústria, que busca constantemente capturar a subjetividade para o consenso das formas de produção capitalistas, envolvendo o proletário na trama das relações de controle e domínio. O estudo aqui relatado se utiliza do método do materialismo dialético, segundo o qual capital e trabalho não estão separados, mas unidos dialeticamente no processo produtivo. A área de estudo compreende o município de Xaxim, no Oeste Catarinense, caracterizado pela presença de grandes grupos

---

<sup>1</sup> Geógrafo, mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão (PR). Contato: valdir\_09@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Geógrafa, Pós-Doutora pela Universidade Federal do Pernambuco. Contato: marlisch20@hotmail.com.

agroindustriais, além de um significativo setor de comércio e serviços, voltado para atender, majoritariamente, as mencionadas agroindústrias.

Palavras-chave: Educação (in)formal; Trabalho; Agroindústria.

## SCHOOLING/(DES)QUALIFICATION OF WORKERS BEFORE THE AGRIBUSINESS IN THE MUNICIPALITY OF XAXIM – SC

**Abstract:** The paper aims to understand the schooling / (dis) qualifications of workers in the countryside and the city, with the arrival of agro-industrial complex in the western region of Santa Catarina, from the formal education of youth and adult, dedicated to training simple and part of the workers. The region is based on the dependence on large agribusiness conglomerates such as Brazil Foods (BRF), Aurora and diplomat Industrial e Comercial Ltda., Which dominate the meat industry poultry / pork and its derivatives. The dialectical relationship between the countryside, the city and the agricultural industry, workers have steadily qualifying / disqualifying to serve the interests of production and reproduction of capital imposed by the agro-industrial complex. To qualify / disqualify the worker lives an adversarial and confrontational process in the social relations of capitalist production. The capital, while requiring higher education of the proletariat, contradictorily simplifies activities within the industry, developing the "capitalist pedagogy" of skills and competencies, as expropriates knowledge in labor relations and internalized forms of estranhadas production / alienated. Thus, the worker extends formal schooling, but remains employed in conditions of agro-industry, which constantly seeks to capture the subjectivity to the consensus of the forms of capitalist production, involving the proletariat in the plot of the relationship of control and domination. The study reported here used the method of dialectical materialism, according to which capital and labor are not separate but united dialectically in the production process. The study area comprises the town of Xaxim in western Santa Catarina, characterized by the presence of large agro-industrial groups, as well as significant trade and services sector, aimed at meeting, mostly, those mentioned agribusinesses. Keywords: Education (in) formal. Work. Agrobusiness.

### Introdução

A dinâmica pela qual passa a humanidade neste início do século XXI, caracterizada pelo fenômeno da globalização dos mercados e das economias a nível mundial, tem provocado profundas mudanças no interior das indústrias, que, em razão dessas relações internacionais, buscam reorganizar sua cadeia produtiva na tentativa de conquistar novos mercados consumidores. Nesse processo de intensa competitividade industrial do mundo capitalista, espaços e pessoas são incluídos e excluídos espacialmente/temporalmente de acordo com as necessidades de acumulação do capital nas relações local-nacional-internacional, como ocorre com a agroindústria na região Oeste de Santa Catarina.

A estrutura desenvolvida na região Oeste de Santa Catarina tem base na dependência de negócios com grupos econômicos que são as agroindústrias de carnes, como a Brasil Foods (BRF), a Chapecó (arrendada para a Diplomata) e a Aurora. São grandes complexos agroindustriais com certo domínio sobre o setor de carnes de aves/suínos e seus derivados.

Observa-se que boa parte da economia regional, tanto urbana como rural, está

voltada para atender à demanda dessas empresas. O que de pronto caracteriza essas empresas é que, constantemente, introduzem novas técnicas tanto para a obtenção da matéria-prima, como para a produção, a circulação e o consumo voltados, sobretudo, para atender o mercado internacional, transformando, assim, consideravelmente seus espaços.

Nessa lógica, a formação socioespacial do município de Xaxim (SC), a partir da instalação da primeira unidade agroindustrial (1939), desenvolveu e exigiu novas funções do espaço urbano e, posteriormente, do rural, ao mesmo tempo em que vem exigindo maior escolarização formal dos trabalhadores da cidade e do campo.

Com o avanço do capitalismo moderno e, conseqüentemente, a especialização dos espaços da região Oeste de Santa Catarina, os complexos agroindustriais introduzem novas e modernas técnicas de produção no interior da indústria, exigindo maior grau de escolarização formal dos trabalhadores, porém, inúmeras atividades desenvolvidas simplificam-se a partir da mecanização e automatização das máquinas e equipamentos utilizados no processo produtivo.

A área de estudo compreende o município de Xaxim, no Oeste de Santa Catarina. O período a ser percorrido é o de 1980 a 2013, caracterizado por profundas transformações no campo e na cidade, reestruturando a produção e modificando as relações sociais, políticas e econômicas entre o capital e o trabalho.

No presente trabalho busca-se abordar o processo de escolarização/(des)qualificação dos trabalhadores da agroindústria no município de Xaxim – SC. Urge salientar que com a formação das pequenas propriedades camponesas familiares e a produção de excedentes agrícolas para o comércio, tem-se a gênese de formação dos primeiros frigoríficos na região.

Assim, o capital monopoliza o território, entendido como espaço das relações de poder do Estado, do trabalho e da indústria, que se constituem de forças dialéticas na produção e na reprodução das formas hegemônicas e no movimento cotidiano das relações sociais da luta de classes entre capital e trabalho. O método de análise da pesquisa é o dialético, sendo o sistema capitalista compreendido na sua dinâmica pelas contradições que estabelece na produção e na reprodução das condições de sua existência.

### **Centro de Educação de Jovens e Adultos de Xaxim (Cejax) e a Escolarização dos Trabalhadores: História e R-esistência**

A educação de jovens e adultos constitui uma modalidade de educação/escolarização básica para os proletários do campo e da cidade, tem origem a partir da necessidade e organização da classe trabalhadora a negação do acesso e permanência na escola regular. O trabalho na infância, o desemprego e as condições

socioeconômicas desfavoráveis caracterizam os principais entraves ao acesso à escola formal, sendo criados pelo capital contra os trabalhadores. Pode-se destacar que

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade específica da educação básica, destinada aos sujeitos do campo e da cidade aos quais foi negado ao longo de suas vidas o direito de acesso à e de permanência na educação escolar, seja na infância, na adolescência, ou na juventude. As razões para esta negação estão ligadas a vários fatores, como condições socioeconômicas, falta de vagas, sistema de ensino inadequado e outros (ARAÚJO, 2012, p. 250).

No município de Xaxim a Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve início no ano de 1996, fruto da necessidade de escolarizar os trabalhadores, em sua maioria oriunda do campo, que migraram para trabalhar como assalariados na agroindústria local.

A origem ocorreu em forma de parceria entre o Governo do Estado de Santa Catarina e o município de Xaxim, quando foi criado o “Núcleo Avançado de Ensino Supletivo – NAES de Xaxim, a partir da Portaria nº 011/96” (CEJAX, 2012, p. 4), de 17 de janeiro de 1996. As atividades pedagógicas iniciaram em 15 de março de 1996, com quatro alunos da classe de alfabetização do Ensino Fundamental I, cento e trinta e seis alunos de nivelamento (classificação de acordo com o grau de alfabetização) e cento e sessenta e seis educandos do Ensino Fundamental II.

No ano de 2000 o município passou a oferecer o Ensino Médio, através do Sistema Telecurso2000, modalidade de ensino em parceria com o Governo Federal e a Rede Globo, por meio da Fundação Roberto Marinho. Os alunos eram organizados em turmas de Telessala, onde assistiam as explicações dos conteúdos curriculares de cada disciplina e desenvolviam as atividades propostas, com o acompanhamento de um educador. As aulas eram oferecidas no período noturno, sendo uma única vez na semana. Os conteúdos curriculares eram reduzidos, para o mínimo de aprendizagem, pois na essência era uma forma de oferecer a escolarização com conteúdos reduzidos para cada área do conhecimento que, de acordo com Gramsci (2005), o Estado capitalista na qualidade de gestor da educação formal, busca oferecer para a classe trabalhadora educação/escolarização em “doses homeopáticas”.

Em 2003 iniciou o sistema modularizado para os estudantes do Ensino Médio. Vinculado ao Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), do município de Xanxerê - SC, esta modalidade de ensino estava sob responsabilidade da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, e sendo oferecida no município de Xaxim. A distribuição das disciplinas escolares estava organizada em módulos. A conclusão de um módulo representava o término da disciplina escolar, sendo que os conteúdos curriculares eram simplificados e reduzidos, permitindo concluir o Ensino

Médio em um curto espaço de tempo. Em alguns casos, os estudantes trabalhadores concluíam/concluem seus estudos em dois anos, simplificando os conteúdos escolares e aligeirando a escolarização para o trabalho simplificado da indústria moderna. A educação formal sob o comando do Estado e do capital escolariza a classe trabalhadora para o trabalho assalariado, sem promover a emancipação/libertação dos proletários do trabalho alienado/estranhado no interior da fábrica. Basta analisar

(...) a tão em moda substituição da escolarização básica por cursos aligeirados de formação profissional, que supostamente melhorarão as condições de empregabilidade. Ou a certificação apenas formal conferida por muitos cursos supletivos (há exceções), que não conferem rigor e seriedade à formação de jovens e adultos. Ou a formação superior aligeirada em instituições superiores de idoneidade discutível; (...). Enfim, o conjunto das estratégias que apenas conferem ‘certificação vazia’, e por isto mesmo, constituem-se em modalidades aparentes de inclusão do mundo do trabalho, dos direitos, [da consciência do trabalhador] e das formas dignas de existência (KUENZER, 2005, p. 93).

Para o capital e suas formas de alienação do trabalho, o que está em jogo são métodos curriculares de aprendizagem aligeirados para escolarizar minimamente os trabalhadores para o trabalho simples e precário na fábrica, exigindo operações matemáticas básicas, assim como a escrita elementar para as atividades polivalentes e multifuncionais do atual estágio de acumulação flexível do capital. Como exemplo pode-se citar o proletário do setor da sala de cortes da agroindústria, que durante um dia de trabalho desossa peito e coxa, corta asas e ainda pesa, sendo essas consideradas atividades simples e de fácil aprendizagem, que exigem reduzido esforço intelectual do trabalhador. O sistema capitalista de produção e suas formas flexibilizadas de abstração da mais-valia da atual era do toyotismo, impõem formas de escolarização simplificadas, sendo os conteúdos curriculares reduzidos para o trabalho simples de subproletarização (ANTUNES, 2009) dos trabalhadores e rapidamente adotadas pelo Estado, a exemplo do CEJAX. Porém, compreende-se que o fato dos trabalhadores buscarem ampliar a escolarização formal e o saber socialmente produzido representa formas de (re)sistência frente ao capital, pois

O conjunto amplo de transformações a que estamos submetidos em um período de ‘aceleração do tempo’, para usar a expressão de Milton Santos, indica a necessidade de revisão contínua de propostas para o ensino fundamental e médio, tanto mais em um país em que o processo de escolarização não foi conquistado por toda a sociedade (...) (SPOSITO, 1999, p. 23).

A possibilidade de retornar aos bancos escolares para a população de jovens e adultos trabalhadores(as) requer propostas de ensino e aprendizagem que possibilitam atender as demandas de qualificação e formação do homem omnilateral (GRAMSCI, 2005), em que o trabalho possa representar aprendizado socialmente construído como valor de uso para a humanidade.

Entretanto, a escolarização dos trabalhadores está voltada para o conhecimento geral, a fim de treiná-los para os setores da produção e acumulação do capital na indústria moderna, sendo o trabalho simples e as condições de polivalência e multifuncionalidade do toyotismo, a destrutividade do capital sobre o trabalho. No interior da agroindústria, o trabalhador realiza diversas atividades simples e de fácil aprendizagem, sendo necessárias algumas horas de treinamento e repetitividade da função para torná-lo ágil, a exemplo da agroindústria Diplomata localizada no centro do município de Xaxim – SC.



**Foto 1: Frigorífico Diplomata de Xaxim - SC**

Fonte: Diplomata – Unidade de Xaxim. Adaptado por Valdir Skrzypczak.

Com localização estratégica no centro da cidade de Xaxim, estabelece relações com o espaço rural e urbano. Na especificidade do urbano, novos setores de comércio e serviços (mecânicas, metalúrgicas, borracharias, agropecuárias, supermercados, etc.) se instalam para atender as necessidades do capital agroindustrial.

Com um abate de 230 mil aves/dia em média, a agroindústria possui aproximadamente 2.200 trabalhadores diretos, sendo em sua maioria proletários

com o Ensino Fundamental incompleto, caracterizando o reduzido grau de escolaridade. Como resistência ao trabalho alienado no interior da indústria, o proletário amplia a educação/escolarização formal e no caso específico de Xaxim no Cejax, pois o “O específico da escola não é a preparação profissional imediata. Sua especificidade situa-se ao nível da produção de um conhecimento geral articulado ao treinamento específico efetivado na fábrica ou em outros setores do sistema produtivo” (FRIGOTTO, 2010. p. 166).

Assiste-se a uma verdadeira *inclusão excludente* (KUENZER, 2005) nos sistemas escolares institucionalizados, pois o Estado capitalista impõe a redução do tempo necessário para a escolarização da classe trabalhadora. Dessa forma, simplificando os conteúdos curriculares e aligeirando as etapas da (des)qualificação dos trabalhadores, treinados no interior da agroindústria para atividades manuais, objetivando atender a imediata e constante reorganização produtiva do capitalismo global. Assim,

a educação de jovens e adultos (...) tem a finalidade:

A promoção de condições para que o indivíduo jovem e adulto consiga retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e possibilitar um nível profissional mais qualificado; (CEJAX, 2012, p. 9-10, Grifos do autor).

Observa-se que o objetivo da formação do trabalhador jovem e adulto está voltado para o desenvolvimento das habilidades e competências para as práticas produtivas que atendam às necessidades de acumulação do capital. Cabe uma pergunta: O desenvolvimento das habilidades e competências propostas pela escola formal institucionalizada torna os trabalhadores qualificados? Entende-se por qualificação, a formação concreta do proletário para as práticas do trabalho social, como valor de uso socialmente necessário pela humanidade, desenvolvendo a emancipação da *classe-que-vive-do-trabalho* (ANTUNES, 2005). A emancipação pode ser compreendida como o acúmulo permanente dos conhecimentos e experiências concretas do trabalho, como processo educativo, que somente se constitui mediante a negação e destrutividade do trabalho alienado/estranhado do sistema capitalista. Talvez o equívoco esteja na proposta e no discurso que o capital vem introduzindo no interior das escolas e das práticas educativas dos sistemas formais de educação. Para o capital, “Ser qualificado, quando a produção da riqueza se torna social, significa ler, escrever, dominar conteúdos gerais. A aprendizagem de habilidades intelectuais é fruto do trabalho simples, forma de produzir a vida moderna” (FIOD, 1999, p. 95).

A qualificação na perspectiva da emancipação da classe trabalhadora compreende o desenvolvimento das condições omnilaterais, sendo mentais, físicas, afetivas,

lúdicas e estéticas, que formam a intelectualidade do homem (FRIGOTTO, 1995). Tem por objetivo ampliar a capacidade intelectual do trabalhador “(...) na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu dever histórico” (FRIGOTTO, 1995, p. 31-32).

Para o capital a qualificação está subordinada ao mercado “(...) e a sua adaptabilidade e funcionalidade, seja sob a forma de adestramento e treinamento (...), seja na forma da polivalência e formação abstrata (...)” (FRIGOTTO, 1995, p. 31), está condicionada pela formação geral dos trabalhadores como mão de obra barata e assalariada.

Segundo Fiod (1999) há um constante processo de qualificação, entendida como intelectualização do trabalho para os núcleos centrais e de comando das grandes empresas que dominam o processo produtivo, e por outro lado “desqualificação, precarização e trabalho informal para os muitos outros que compõem o subproletariado fabril e de serviços” (FIOD, 1999 p. 102-103). A qualificação do proletário para o trabalho simples no interior da indústria moderna compreende a desqualificação das habilidades intelectuais e do domínio do processo produtivo. Constitui parte da produção ao manusear a máquina, ao desossar coxas, ao cortar asas na agroindústria, caracterizadas como atividades parciais e simples para o capital. Assim

(...) à medida que o capital se utiliza de desqualificação para ‘fazer o trabalhador’ segundo suas próprias necessidades, e portanto para controlá-lo, discipliná-lo, dominá-lo, passa a ser objeto fundamental recuperar a qualificação, compreendida como domínio do conteúdo do trabalho (KUENZER, 2011, p. 193).

Nesta lógica, a educação/escolarização deve estar voltada para a formação da totalidade do trabalhador, ou seja, para o trabalho, para a cultura, para a política, para as ciências e as artes, compreendendo a concretude da vida humana. Vale lembrar que o trabalho deve estar orientado como princípio educativo em contraposição ao trabalho assalariado do sistema capitalista, que na condição de exploração estabelece a alienação do proletário sobre o produto, a mercadoria.

No ano de 2006, a Secretaria Municipal da Educação iniciou o processo de criação do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Xaxim (CEJAX), que passou a atender a crescente demanda dos trabalhadores jovens e adultos que buscavam cursar o Ensino Fundamental I e II. A formalização da escola ocorreu através da assinatura do decreto nº 048 de 2007 do prefeito municipal.

O CEJAX iniciou as atividades letivas no município de Xaxim no ano de 2007, “atendendo educandos de Alfabetização, Elementar (que correspondem aos anos iniciais) e as fases I, II, III e IV (que correspondem aos anos finais) do Ensino Fundamental” (CEJAX, 2012, p. 4-5), sendo nomeado o Ensino Médio como Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), unidade descentralizada do Estado de

Santa Catarina e coordenada pelo município de Xaxim. Os trabalhadores que frequentam o Ensino Fundamental são atendidos na modalidade regular especial e o Ensino Médio, por oficinas e presencial. São proletários que permanecem em média três horas e trinta minutos em sala de aula, com frequência de três dias por semana no Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio. Percebe-se assim a redução no horário de frequência e permanência semanalmente dos jovens e adultos na escola, compreendida na condição de aligeirar a escolarização para o trabalho assalariado. Pode-se afirmar que o Estado através do CEJAX estabelece a certificação dos educandos proletários para o capital, que exige a escolarização para as atividades simples e mal remuneradas no interior da indústria.

A educação de jovens e adultos compreende a resistência dos trabalhadores que buscam ampliar a escolarização e resistir a precarização do trabalho assalariado no interior da agroindústria. O Estado em consonância com o capital vem substituindo a educação básica formal por cursos acelerados de formação profissional, que buscam (des)qualificar os trabalhadores para a empregabilidade, que compreende a permanência no mercado de trabalho. Quando o trabalhador perde o emprego na agroindústria, consegue um lugar na fábrica de calçados, de roupas etc., mantendo a condição de assalariado permanente para o capital. Nesta lógica, o CEJAX acelera a escolarização e certifica os proletários para a empregabilidade. São cursos aligeirados, sem o rigor necessário para a formação omnilateral, que busca a formação cultural, ideológica e humanitária para a classe trabalhadora. Todavia, não prioriza o conhecimento socialmente elaborado pela humanidade, que busca assegurar a emancipação das relações capitalistas de produção. Na contramão da formação omnilateral, a educação/escolarização acelerada busca facilitar o acesso e a permanência dos trabalhadores por meio da redução da jornada escolar, caracterizando o *mínimo de conteúdo escolar para as formas de empregabilidade*<sup>3</sup> do capital (grifos do autor).

Se a educação básica regular, nos níveis fundamental e médio está organizada em 800 horas anuais por série ou etapa de ensino (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Art. 24, p. 27), no CEJAX de Xaxim, compreende 300 horas por fase ou série, distribuídas por semestre de estudo, constituindo na prática a formação escolar dos trabalhadores jovens e adultos para o trabalho simples, precário e com baixa remuneração da indústria moderna. Assim, entende-se que “qualquer mudança curricular (...) não se modifica por decreto, mas sim através de uma perspectiva participativa e de transformação cultural, o que significa [colocar] o professor como protagonista destas mudanças” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p.

---

<sup>3</sup>A empregabilidade corresponde ao movimento constante de qualificação/desqualificação que o capital impõe aos trabalhadores visando manterem-se na condição de assalariados (im)produtivos. Pode ser “entendida como a capacidade de obter lugar relativamente permanente no mercado de trabalho” (CRUZ, 1999, p. 182).

40), e não grupos internos de gerência e gestão da Secretaria Municipal da Educação.

A organização da matriz curricular do CEJAX compreende a redução das disciplinas regulares, na tentativa da permanência e conclusão dos estudos para os trabalhadores jovens e adultos, conforme demonstra o quadro 1.

CURSO	CARGA HORÁRIA	NOME	EQUIVALÊNCIA
1º Segmento	600	Alfabetização	Anos iniciais do Ensino Fundamental
	600	Fase Elementar	
Total	1200	-	-
2º Segmento	300	1ª Fase	5ª Série
	300	2ª Fase	6ª Série
	300	3ª Fase	7ª Série
	300	4ª Fase	8ª Série
Total	1200	-	-

**Quadro 1 - Carga horária por fase ou série no CEJAX de Xaxim**

Fonte: Projeto Político Pedagógico (CEJAX, 2012, p. 19). Adaptado por Valdir Skrzypczak.

No CEJAX, a carga horária distribuída na tabela compreende o período semestral de estudos, sendo que o educando avança duas fases ou séries em um único ano de estudo. Prática que o Estado capitalista confere a classe trabalhadora com o mínimo dos conteúdos curriculares trabalhados, buscando acelerar a educação/escolarização para a certificação. Levando-se em consideração que o tempo de frequência em uma única série regular do Ensino Fundamental I ou II é de 800 horas anuais, no CEJAX a fase ou série é concluída pelo trabalhador em 300 horas, o que representa aproximadamente 1/3 do total.

Como exemplo pode-se citar a disciplina de Geografia, que compreende no ensino regular básico três aulas semanais, totalizando cento e vinte horas/aulas anuais por série. Porém, no CEJAX esta disciplina escolar representa duas aulas semanais por fase, totalizando no semestre quarenta horas/aulas, que na prática totaliza um terço das aulas ministradas na educação básica regular. Compreende-se esse processo de acelerar e flexibilizar a escolarização/proletarização dos trabalhadores por parte do Estado, que atende o capital reduzindo e simplificando os conteúdos curriculares básicos na lógica crescente da escolarização e da ampliação dos índices de avaliação governamentais, a exemplo do IDEB<sup>4</sup> nacional.

<sup>4</sup> O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, IDEB foi criado no ano de 2007 para medir a qualidade de ensino de cada escola e das redes de ensino municipais e estaduais. O indicador é calculado levando em consideração o desempenho do estudante em avaliações, nas taxas de aprovação e na frequência do estudante, visando reduzir as taxas de evasão escolar. (BRASIL, 2013).

A redução da carga horária escolar para os trabalhadores na Educação de Jovens e Adultos de Xaxim compreende a formação mínima para a permanência na condição de assalariados da indústria. A educação formal enquanto sistema institucional a serviço do capital intensifica “(...) no processo educacional a manutenção do pensamento ideológico dominante [e] a instituição escolar como um aparelho ideológico do Estado” (CRUZ, 1999, p. 184), que busca escolarizar/proletarizar os jovens e adultos para as formas de trabalho simples da indústria moderna. Assim a educação formal institucionalizada representa em sua maioria a reprodução da ideologia dominante, pois “[...] a classe dominante detém o poder de Estado [...]” (ALTHUSSER, 1980 p. 48) e interioriza o consenso das formas de exploração do capital sobre os trabalhadores.

O trabalhador assalariado, sob as condições do trabalho abstrato e estranhado, encontra-se condicionado aos limites da empregabilidade, na qual “as políticas de [in] formação dos trabalhadores, capitaneadas pelos programas de modernização e capacitação (...) [giram] em torno das competências e habilidades (...) [do] atual processo produtivo” (CRUZ, 1999, p. 183). Esta tendência impõe novas formas de racionalização do trabalho, onde

(...) deverá se voltar à qualificação do trabalhador, dentro de uma perspectiva educacional e humanista, na qual a exigência será por competência nos conhecimentos sobre o produto e o processo do trabalho, além de um saber empírico, proveniente de sua experiência direta com o maquinário (CRUZ, 1999, p. 182).

O trabalhador no interior da agroindústria realiza várias tarefas simples e parciais, que aprende em algumas horas de prática intensa e repetitiva na fábrica. A exigência é a rapidez e a agilidade física, com pouco esforço intelectual para realizá-las em menor tempo possível.

Na condição de proletário da agroindústria no setor da sala de cortes, as atividades de desossa de peito, corte de coxas e asas era diária. Para acompanhar a velocidade da nória, era necessário desossar aproximadamente oito peitos de aves por minuto para cada trabalhador, totalizando três homens por nória. A agilidade com a faca era e é fundamental para acompanhar a produção, o olhar atento nas aves e a atenção para prevenir acidentes constituem a experiência vivida no interior da agroindústria. A entrada na universidade constituiu a (re)sistência de romper com o trabalho alienado no interior da agroindústria.

Se o capitalista impõe aos trabalhadores, como forma de (des)qualificá-los a escolarização acelerada e, portanto, mínima para atender as necessidades da produção simplificada de mercadorias no interior da fábrica, o Estado na condição de gestor e organizador do currículo escolar, atende ao capital, implanta na matriz curricular a redução da carga horária, acelera os conteúdos disciplinares a serem

oferecidos aos trabalhadores, pois a receita encontrada é *especializar para simplificar* (grifos do autor). Nesta lógica “[...] a escola [educa] por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de seleção [...]” (ALTHUSSER, 1.980, p. 47) a classe trabalhadora, pois reproduz a ideologia dominante, que constitui a ideologia do Estado.

Dessa forma, voltar a estudar para o proletário representa a r-esistência a opressão do capital, criando possibilidades de negar e romper com o trabalho estranhado da agroindústria. Busca igualmente a ascensão profissional no interior da agroindústria, na tentativa de ocupar atividades consideradas mais leves e com melhores salários, como exemplo os Auxiliares de Inspeção Federal, que são trabalhadores cedidos e remunerados pela agroindústria Diplomata para desempenharem funções de inspeção das carcaças de aves. São proletários subordinados ao Serviço de Inspeção Federal (SIF), órgão do governo federal responsável pela fiscalização do processo produtivo e que possibilita a exportação dos produtos de origem animal no mercado externo. Para tal função, precisam concluir o Ensino Médio, sendo ainda realizada entrevista e seleção dos trabalhadores pelos agentes e fiscais federais responsáveis pelo SIF na agroindústria. Assim retornam para a escola, na tentativa de garantir uma função atrativa na agroindústria, sendo que

Trabalho na Diplomata faz nove anos e eu só monitora. Eu voltei estuda de livre e espontânea vontade, porque eu precisava tinha passado tempo já de estuda, então voltei a estuda e consegui um trabalho melhor, no emprego onde eu trabalho tenho funções melhores para trabalha, como se fosse na espeção [refere-se a Inspeção Federal], mas eu teria que também conclui meu estudo, eles exigem estudo pra mim i na espeção e os outros setores também precisaria (SKRZYPCZAK, 2012a, Entrevista).

Percebe-se que frequentar o CEJAX representa para o trabalhador a r-esistência e possibilidade de encontrar alternativas para enfrentar o trabalho alienado e simplificado no interior da agroindústria. Estudar, ampliar a escolarização formal dá sentido à luta dos trabalhadores para negar o trabalho alienado/estranhado e a precarização das atividades no interior da agroindústria, pois está inserida no circuito da produção rígida e em série do fordismo, no movimento repetitivo cronometrado do taylorismo, aliada as formas flexíveis de produzir do toyotismo.

Além de manterem-se em pé durante a maior parte da jornada de trabalho, os proletários precisam ter destreza e atenção nas atividades simples no interior da indústria. São em torno de 150 aves por minuto que passam pela nória<sup>5</sup>, num total de

---

<sup>5</sup> Compreende milhares de ganchos de aço que circulam entre os vários setores da produção no interior da agroindústria, servindo para fixar a ave pelos pés ou pescoço com a finalidade de realizar as etapas de inspeção, separação dos miúdos, limpeza, resfriamento, cortes, embalagem e congelamento dos produtos.

9 mil por hora, sendo que cada trabalhador inspeciona em média 30 aves por minuto. Na linha “A” são responsáveis por inspecionar as vísceras e miúdos, na linha “B” a parte interna das aves e a linha “C” as partes externas, incluindo as doenças da pele e as lesões, conforme a figura 1.



Representa o processo de produção dos trabalhadores no setor de evisceração no interior da agroindústria capitalista. São proletários realizando inspeção das aves antes da separação dos miúdos (coração, fígado, moela, rins etc.) por uma nova equipe. A atividade desenvolvida requer atenção, destreza e rapidez dos trabalhadores, que realizam a inspeção das carcaças. Precisam retirar as aves que apresentam contaminações e doenças, a fim de evitar que cheguem ao consumidor final. São ações rápidas, que o trabalhador possui aproximadamente um segundo de tempo para definir a doença ou contaminação da ave e retirá-la da nória.

**Foto 2: Trabalhadores no interior da agroindústria Diplomata**

Fonte: Acervo particular de Valdir Skrzypczak.

O movimento circulatório das nórias e o barulho das máquinas requerem adaptação e destreza dos trabalhadores assalariados no interior da agroindústria. A agroindústria encontra-se organizada no atual modelo de produção flexível do sistema toyotista, com a presença do trabalho em equipe, do Controle de Qualidade e da exigência do trabalhador polivalente e multifuncional da indústria moderna, sendo que estas mutações ocorridas no mundo do trabalho são expressões “da reorganização do capital com vistas à retomada do seu patamar de acumulação e ao seu projeto global de dominação” (ANTUNES, 2009, p. 52). Encontra-se exposto ao ruído constante das máquinas e equipamentos, à insalubridade devido ao calor, frio ou umidade das etapas produtivas no interior da agroindústria. Problemas na coluna e a lesão por esforço repetitivo (LER), além das infecções devido à umidade e as temperaturas baixas nos ambientes de trabalho, que ficam entre 9° e 10° Centígrados, são frequentes nos trabalhadores.

O sistema de organização da produção na indústria toyotizada impõe a “necessidade crescente de qualificar-se melhor e preparar-se mais para conseguir trabalho” (ANTUNES, 2009, p. 131), na maioria das vezes precarizado, com ritmo e movimentos intensos durante o labor, mutilando nervos e músculos dos trabalhadores, a exemplo da agroindústria. A presença de máquinas com serras, para realizar cortes de aves inteiras têm ocasionado acidentes e a mutilação de dedos dos

trabalhadores.

Nas condições de insalubridade, os trabalhadores são expostos durante longas jornadas de trabalho intenso e repetitivo na indústria. O trabalho intenso e precário ocasiona doenças em poucos anos de trabalho, sendo que

Entrei como auxiliar de produção aprendi a **fazer um pouco de tudo: cortes de peito, tirando a pele na parte das coxas, pesando em gramaturas nas balanças**. Trabalhei 12 anos nessa função, enfrentei o frio de nove a dez graus de frio, era difícil o dia a dia lá, pois **nós trabalhava até dez horas de pé** no mesmo trabalho que repetitivo, sem troca de serviço. Devido de eu ter tido uma gravidez nessa trajetória, comecei com problema de bexiga devido o frio, daí tive que trocar de setor, foi aí que eu fui transferida para preparação de embalagem, que lá seria um lugar quente e que era trabalhado sentada (SKRZYPCZAK, 2013b, Entrevista. Grifos do autor).

Na condição de proletários/as da agroindústria capitalista, aprendem a desenvolver diversas atividades simples no interior de cada repartição ou setor da produção na fábrica. Realizam diariamente atividades como o corte do peito e das coxas da ave, a retirada da pele, o embalo e a pesagem etc., que exigem dos trabalhadores esforço intenso e repetitivo dos músculos e nervos para acompanhar o movimento das nórias e esteiras de transporte, com jornadas diárias que chegam a ultrapassar dez horas de trabalho, em condições degradantes de exploração do capital. O trabalhador permanece no interior da empresa aproximadamente 50 horas semanal e em períodos crescentes de exportação, a produção amplia-se e o abate das aves ocorre de segunda a sábado, com jornada que pode ultrapassar 60 horas. A agroindústria determina a jornada de trabalho a partir do tempo e da quantidade de vendas que realiza, impondo aos proletários a adaptação.

Assim, o capital absorve uma parte “importante do ‘tempo livre’ dos trabalhadores (...) para adquirir a ‘empregabilidade’, [transferindo] aos trabalhadores as necessidades de sua qualificação” (ANTUNES, 2009, p. 131), sejam através da ampliação da escolarização formal, a exemplo do CEJAX ou dos cursos profissionalizantes.

### **Escolarização/Proletarização de jovens e adultos no Cejax: R-esistência ou alienação frente ao capital agroindustrial?**

Na condição hegemônica de organização da educação formal pelo Estado burguês, este se apresenta como formador ideológico da classe trabalhadora para o

capital, para a sociabilidade e destrutividade do mundo do trabalho e da produção, a partir da concepção dominante e dirigente do capital. Na perspectiva das classes dominantes, a educação dos trabalhadores deve ter a finalidade de habilitá-los social, técnica e ideologicamente para a venda da força de trabalho, subordinando a função social e transformadora da educação para as necessidades de manutenção do capital.

Socialmente o proletário é educado para a individualidade e a competição. Nesta lógica a agroindústria mantém a sede de recreação e esportes para garantir constantemente a competição esportiva entre os trabalhadores dos diferentes setores da empresa, que ocorre durante dois períodos ao ano.

Tecnicamente o trabalhador é treinado para atender a demanda crescente de produtividade do capital. Assim amplia a escolarização formal e busca frequentar cursos profissionalizantes, que o mantém em constante processo de formação para o capital, na condição de assalariado. A formação ideológica do trabalhador dá-se para a manutenção das condições destrutivas do capital, internalizando o consenso na classe trabalhadora através da educação formal, da mídia, dos cursos profissionalizantes, dos empresários etc.

Na contramão dessa concepção destrutiva proposta pela classe dominante, a luta da classe trabalhadora vem de encontro pela formação intelectual ou politécnica do homem omnilateral, do cidadão que pode controlar quem o governa. Este é um movimento que se trava na sociedade e no âmbito do Estado e se caracteriza como um espaço de contradições e mediações entre capital e trabalho. Neste movimento contraditório e dialético a

Educação (...) se refere ao processo de formação omnilateral do ser humano e que tem nas práticas sociais o principal ambiente dos seus aprendizados. Trata-se de considerar, centralmente, em um projeto educativo, que as pessoas se formam pela inserção em um determinado meio, sua materialidade, atualidade, cultura, natureza e sociedade, fundamentalmente através do trabalho que lhes permite a reprodução da vida e é a característica distintiva do gênero humano, é a própria vida humana na sua relação com a natureza, na construção do mundo (CALDART, 2011 p. 26, grifos do autor).

A educação, no sentido ontológico da palavra, diz respeito à formação do sujeito social concreto na sua totalidade, como transformador das condições destrutivas impostas pelo capital e sua superação através das práticas organizativas e de resistência dos movimentos sociais e sindicatos dos trabalhadores do campo e da cidade. Para Saviani e Duarte (2012 p. 31) “a educação não é outra coisa senão o processo por meio do qual se constitui em cada indivíduo a universalidade própria do gênero humano”. A socialização do conhecimento historicamente produzido pela

humanidade deve estar a serviço dos filhos da classe trabalhadora, pois a superação das formas de divisão da sociedade capitalista é necessária e possível mediante “à formação plena dos seres humanos” (DUARTE, 2012 p. 154). Entretanto “A luta pela socialização do conhecimento é, portanto, um componente imprescindível da luta contra o capital” (DUARTE, 2012 p. 154), e sua superação.

Na perspectiva da classe trabalhadora, a educação se constitui a partir da apropriação de um conjunto de conhecimentos socialmente produzidos e no desenvolvimento das potencialidades e valores em defesa dos interesses sociais e econômicos. A educação como princípio educativo de superação do capital, compreende o desenvolvimento da atividade concreta do trabalho, como necessidade vital que produz objetos socialmente elaborados como valor de uso pela humanidade.

Para Frigotto (1995), o trabalho na perspectiva ontológica se constitui quando o homem constrói coletivamente o mundo e a si mesmo, a partir das condições de sua existência sendo, portanto, princípio educativo da classe trabalhadora.

Na medida em que avança a maquinaria no interior da indústria com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, há a necessidade de ampliar a educação/escolarização dos trabalhadores, num constante movimento dialético de interação e negação entre capital morto e capital vivo. Com o desenvolvimento da tecnologia a partir da ciência, a indústria se moderniza, expande a produção e a intensidade do trabalho, que se simplifica ao ponto de

O trabalhador torna(r)-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalhador não produz apenas mercadorias; produz também a si mesmo e ao trabalhador como mercadoria, e isto na medida em que, de fato, produz mercadorias em geral (MARX, 2004, p. 80).

As determinações impostas pelo capital ao trabalhador são hegemônicas, que com a inserção da maquinaria moderna e das máquinas inteligentes, o trabalho desenvolvido no interior da indústria torna-se simples. O saber do proletário é capturado e transferido para a máquina, que sob o comando do capital amplia e moderniza a produção, sendo que

A própria criação do maquinário informacional mais avançado é resultado da interação ativa entre saber do trabalho (intelectual) dos trabalhadores que atuam sobre a máquina informatizada, transferindo parte de seus atributos ao novo equipamento que resultou desse processo (...) (ANTUNES, 2009 p. 271).

A incorporação das atividades subjetivas do trabalhador pelo capital, através das máquinas inteligentes, “são partes constitutivas do trabalho social, complexo e combinado, que cria coletivamente valor” (ANTUNES, 2009 p. 271); ao produto, na forma de mercadoria nas mãos do capitalista. Estabelece-se um complexo processo de relações entre trabalho, ciência e saber, configurando uma nova fase da produção capitalista do valor.

Nesta nova fase de apropriação e interação do saber operário com a máquina moderna, configura-se

(...) uma força de trabalho mais complexa, multifuncional, sintonizada com a fase da empresa enxuta, flexibilizada e toyotizada, em que a força de trabalho é explorada de maneira ainda mais intensa e sofisticada, material e imaterialmente, quando comparada à fase taylorizada-fordizada (ANTUNES, 2009 p. 271).

Com a extração da mais valia, o capital explora materialmente o trabalhador no interior da empresa. Sendo atividades simples e constantes, o proletário individualmente manuseia milhares de aves durante a jornada de trabalho. Assim um único trabalhador, desossa aproximadamente 20 coxas por minuto, ou 1200 por hora, porém sua remuneração não é maior caso amplie a produção ou menor caso venha a reduzi-la.

Consensualmente é chamado a opinar, dar ideias, sugerir melhorias no espaço produtivo da empresa ou do campo, contudo não lhe é permitido participar das decisões do capital, que se fecha no alto escalão administrativo e gerencial. O trabalhador é tido como parceiro e colaborador, mas o lucro concentra-se nas mãos do capitalista, que o explora na relação do mercado, sob a condição de compra e venda da força de trabalho.

Nas últimas décadas, de modo especial após os anos de 1980, tem-se uma nova reorganização do capital mundial com repercussões no Brasil, sendo a década de 90 considerada de grande impacto para as relações de trabalho e produção, com a abertura econômica no mercado internacional através da política neoliberal, onde tudo se compra e tem preço, inclusive a educação. Sendo o capitalismo um sistema de produção contraditório, suas investidas hegemônicas contra a classe trabalhadora são constantes. Com o auxílio do Estado, internaliza ideologicamente na educação/escolarização da classe trabalhadora o domínio e a manutenção do sistema capitalista enquanto condição necessária.

Sendo o Estado capitalista um Estado de classes, busca (des)organizar a escola de acordo com as concepções e práticas das classes dominantes e dirigentes, que “(...)”, impõem uma educação para o trabalho alienante, com o objetivo de manter o

homem dominado” (JINKINGS, 2008 p. 14). Sob o comando do Estado burguês e do capital

A escola (...) vem-se estruturando com vistas a formar, tanto em sentido amplo como em sentido estrito, um intelectual urbano de novo tipo, que apresenta como características principais o aumento da capacitação técnica necessária à reprodução ampliada das relações capitalistas de produção e uma nova capacitação dirigente, com vistas a “humanizar” as relações de exploração e de dominação burguesas, enquanto possibilidades históricas concretas (NEVES; SANT’ANNA, 2005 p. 29).

Sob a hegemonia do Estado burguês, a escola vem formando intelectuais orgânicos<sup>6</sup>, que segundo as ideias e práticas da classe burguesa dominante “(...) a escola torna-se importante instrumento de difusão da pedagogia da hegemonia, ou pedagogia da conservação (...)” (NEVES; SANT’ANNA, 2005, p. 29). O domínio do capital torna-se um instrumento diuturnamente presente na vida da classe trabalhadora, a fim de consentir ideologicamente a exploração como condição natural. No interior da indústria, os intelectuais orgânicos compreendem as funções de comando para o capitalista, como supervisores, encarregados etc., que realizam o controle sobre os proletários e parte do processo produtivo. São trabalhadores formados técnica e intelectualmente para comandar determinados setores da produção para o capital na indústria, visando à manutenção das relações hegemônicas de exploração e opressão do capital perante o trabalho, porém permanecem na condição de assalariados.

A escola torna-se nesse sentido um importante instrumento de internalização e manipulação das práticas de domínio da burguesia, que busca formar um novo intelectual orgânico, que interage com a máquina informatizada, com cultura ética e moral orientada para a reprodução ampliada das relações capitalistas de produção, “segundo os ideais, ideias e práticas da classe dominante e dirigente (...)” (NEVES; SANT’ANNA, 2005. 29).

O CEJAX, organizado de maneira formal sob o comando do Estado, promove a escolarização dos trabalhadores para a manutenção das condições de assalariados da agroindústria. Dessa forma, os órgãos oficiais de educação estão levando os proletários à continuidade do sistema de alienação do trabalho pelo capital, reproduzindo valores que contribuem “(...) para perpetuar uma concepção de mundo baseada na sociedade mercantil” (JINKINGS, 2008 p. 12) de exploração do capital sobre o trabalho, enquanto (des)realização da classe trabalhadora. Sendo o CEJAX

---

<sup>6</sup> São proletários que superam a técnica-trabalho para à técnica-ciência, a partir da escola sob o comando do Estado e do capital. Permanecem como especialistas, porém não se tornam dirigentes de sua classe. (Ver NEVES, 2005).

uma instituição de ensino

Que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. Em outras palavras, tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. Em lugar de instrumento da emancipação, agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema (SADER, 2008 p. 15).

O trabalhador é escolarizado para atender as necessidades imediatas de exploração do capital. No interior da fábrica é convidado para fazer parte das equipes dos Círculos de Controle de Qualidade, pensar estratégias de melhorias estruturais do setor de trabalho, enfim

vestir a camisa da empresa, porém o poder de decisão não lhe é conferido. As sucessivas crises do capital e a redução dos lucros recaem como culpabilidade dos trabalhadores. As estratégias empresariais vão em direção de manter o domínio ideológico, interiorizando os interesses capitalistas sobre a classe trabalhadora. O proletário é induzido pelo capital como membro participante do sucesso da fábrica, no entanto não participa efetivamente do lucro, apenas do processo produtivo, na condição alienante e estranhada do trabalho assalariado.

No sistema capitalista a educação formal, tal como está organizada institucionalmente, reproduz as condições diversas de exploração do capital sobre o mundo do trabalho. Perpetuando a reprodução nas formas hegemônicas, pois “(...) as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital” (MÉSZÁROS, 2008 p. 42).

O Estado com a educação formal escolariza os trabalhadores para o trabalho assalariado, sendo sua formação voltada para atender a necessidade da indústria moderna e flexível do toyotismo. Logo o proletário é formado para atender a demanda da indústria moderna, que necessita do trabalhador flexível e com conhecimento mínimo geral, orientado para o trabalho simples no interior da agroindústria.

Assim, pensar a educação/escolarização na perspectiva da luta emancipatória, deve estabelecer vínculos entre educação e trabalho, com a seguinte afirmativa: “(...) digam-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade e eu te direi onde está a educação. Em uma sociedade do capital, a educação e o trabalho se subordinam a essa dinâmica” (SADER, 2008 p. 17). Para o capital, o trabalho alienado/estranhado

se constitui na desrealização do trabalhador, na condição aviltante de assalariado.

### **Considerações Finais**

A região Oeste Catarinense constitui uma das maiores concentrações de complexos agroindustriais da América Latina, empresas que constantemente reorganizam o processo produtivo, alterando as relações de produção entre o capital e o trabalho, sendo o trabalhador do campo e da cidade escolarizado/qualificado para atender às novas exigências das agroindústrias.

O trabalhador busca ampliar a escolarização formal na tentativa de permanecer na moderna reorganização da produção agroindustrial. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores do campo e da cidade se qualificam para atender os interesses do capital, eles também se desqualificam, pois a agroindústria moderniza os setores da produção por meio da mecanização e simplifica as atividades.

Assim, a educação formal institucionalizada acompanha o processo de simplificação do trabalho na agroindústria, sendo os conteúdos curriculares fragmentados e simplificados para atender o capital. A escolarização da classe trabalhadora está voltada para a diversidade das formas do trabalho assalariado e alienado que o capital impõe para a obtenção da mais-valia.

A educação é compreendida como prática social, prática que, na atividade humana, estabelece as relações sociais e os embates das classes e das lutas sociais (FRIGOTTO, 1995). Com a chegada das agroindústrias na região Oeste Catarinense, a partir da década de 1940, o camponês perde o domínio sobre a produção e o produto do trabalho com a integração, que pertence ao capital na condição de apropriação da renda da terra.

A relação entre o campo e a cidade se desenvolve, no município de Xaxim, com a presença da agroindústria, que modifica as relações de produção e de trabalho com o camponês. A produção no campo se dá a partir das necessidades de matéria-prima da indústria localizada na cidade. As inovações tecnológicas reorganizam a produção e originam novas atividades produtivas, porém simplificadas para os trabalhadores. Assim, os camponeses familiares integrados e os trabalhadores constituem a força de trabalho assalariada e precarizada da agroindústria.

Na lógica do capital agroindustrial, os camponeses integrados e os trabalhadores da agroindústria desenvolvem atividades produtivas forçadas no processo de acumulação. Os trabalhadores ampliam a escolarização formal, no entanto permanecem na condição do trabalho alienado/estranhado. O que se verifica é o proletário mais escolarizado e, na contramão, o trabalho simplificado, ou seja, mais fácil e que exige cada vez menos o esforço intelectual. No campo, o camponês familiar mantém a relação de produção com a agroindústria no sistema de integração, produzindo a matéria-prima necessária para a industrialização,

entretanto, com a automatização dos aviários, as atividades desenvolvidas pelo camponês são mais simples, exigindo um toque no painel de comando para definir a temperatura, por exemplo. A presença do técnico da agroindústria na propriedade representa a relação de instrução do capital com o integrado.

Sendo o trabalho compreendido como princípio educativo, sua realização é fundamental e indispensável para o homem, pois “(...) é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter na vida humana” (MARX, 2011, p. 50). Entretanto, na relação capitalista de produção, o capital “(...) transforma o trabalho de criador da vida humana em alienador da vida do trabalhador” (FRIGOTTO, 1995, p. 32). O trabalho no sistema capitalista de produção torna-se alienado/estranhado pelo trabalhador, que o realiza na condição forçada de produtor de mercadorias. Assim, a escolarização/(des)qualificação do trabalhador está subordinada às leis do mercado, na condição de assalariado, pois sua adaptabilidade e funcionalidade estão orientadas para o treinamento/adestramento de produzir mercadorias para o capital.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. (2009) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 2ª ed. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editora Presença, 1980.
- ANTUNES, R. (2009) *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2.ed. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. (2005) Trabalho e superfluidez. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (orgs.) *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. Ed. Campinas, SP: Autores Associados; Histedbr.
- ARAÚJO, M. N. R. Educação de Jovens e Adultos (EJA). In: CALDART, R. S. et al. (orgs.) *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CALDART, R. S. (2011) Reforma agrária e educação. *Caros Amigos*, São Paulo, ano 15, n. 53, p. 26.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (CEJAX). (2012) *Projeto político pedagógico*. Xaxim.
- CRUZ, R. M. (1999) Formação profissional e formação humana: os (des) caminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: AUED, B. W. (org.). *Educação para o (des) emprego: (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DUARTE, N. (2012) Luta de classes, educação e revolução. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs.) *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 149-166.

- FIOD, E. G. M. (1999) Politecnia: A educação do molusco que vira homem. In: AUED, B. W. (org.). *Educação para o (des)emprego: (ou quando estar liberto da necessidade do emprego é um tormento)*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FRIGOTTO, G. (1995) *Educação e a crise do capitalismo real*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2010) *A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. 9. ed. São Paulo: Cortez.
- GRAMSCI, A. (2005) *Cartas do cárcere: volume 2*. Trad. De Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- JINKINGS, I. (2008) Apresentação. In: MÉSZAROS, I. *A educação para além do capital*. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo.
- KUENZER, A. Z. Exclusão incluyente e Inclusão Excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. (2005) In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Orgs). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados; Histedbr.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da fábrica: As relações de produção e a educação do trabalhador*. (2011) 8. ed. São Paulo: Cortez.
- MARX, K. *Manuscritos econômicos filosóficos*. (2004) São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política* (2011). Livro I. 29. ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MÉSZÁROS, I. (2008) *A educação para além do capital*. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo.
- NEVES, L. M. W.; SANT'ANNA, R. (2005) *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã.
- OLIVEIRA, A.U. (2007) *Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária*. 1ª ed. São Paulo: Labur Edições.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. (Orgs). (2009) *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Cortez.
- SADER, E. (2008) Prefácio. In. MÉSZAROS, I. *A educação para além do capital*. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo.
- SAVIANI, D.; DUARTE, N. (2012) A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs). *Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados. p. 13-36.
- SKRZYPCZAK, V. (3 de fev. de 2013b) *Entrevista realizada com L. O. S., trabalhadora da empresa Diplomata de Xaxim (SC)*. Xaxim.
- \_\_\_\_\_. (29 de out. de 2012a) *Entrevista realizada com S. M. D., trabalhadora da indústria Diplomata de Xaxim (SC)*. Xaxim.
- SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. *Rádio, consensos e dissensos: o reverso do discurso e a crise da especialização agrícola (Extremo Oeste do Paraná 1980 – 2000)*. (2005) 402 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Unesp, Presidente Prudente.

SPOSITO, E. S. (1999) Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de geografia: pontos e contrapontos para uma análise. In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. U. (orgs). *Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia*. São Paulo: Contexto.

Data de submissão: 05/07/2015.

Data de aceite: 15/03/2016.